



Principais características da Ictiofitiríase - Revisão de literatura

Mateus Dias Sitko¹, Márcia Kuster², Victoria Vieira Baggi^{3*}

¹Médico veterinário - Universidade Paranaense - UNIPAR e Anestesiologista - Universidade estadual de Maringá - UEM - Maringá/PR - Brasil

²Médica Veterinária e Docente - Universidade Paranaense - UNIPAR - Umuarama/PR - Brasil

³Discente do curso de medicina veterinária - Universidade são judas tadeu - USJT - São Paulo/SP - Brasil *contato: victoriavbaggi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A ictiofitiríase, também conhecida como Ictio ou popularmente denominada de “doença dos pontos brancos”, é uma protozoose causada pelo *Ichthyophthirius multifiliis*, um protozoário ciliado¹ do filo dos Ciliophora, capaz de infectar peixes e causarem lesões no animal que predisõem à infecções secundárias elevando a taxa de mortalidade². É uma doença de conhecimento dos piscicultores que pode ser letal de acordo com a infecção³. No Brasil tem sido cada vez mais notificado, principalmente entre outono e inverno⁴.

METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho foi descrever e elucidar as principais características da ictiofitiríase e a sua importância para a saúde pública, usando como base artigos e revistas Brasileiras, como a Revista Brasileira de Parasitologia veterinária, Revista Brasileira de Ciências veterinárias e Artigos de aquicultura.

RESUMO DE TEMA

Esta doença geralmente ocorre em peixes criados em cativeiro, quando há um aumento brusco na temperatura da água⁵. As lesões causadas pelo *I. multifiliis* são devido a instalação deste protozoário nas brânquias, dificultando as trocas gasosas realizadas pelo animal⁶.

O ciclo deste parasita é curto e pode se completar em poucos dias. O trofote, à microscopia, é circular e apresenta o núcleo em forma de ferradura⁴(Fig.1). A forma adulta do parasito, habita as brânquias e a epiderme do hospedeiro e quando atinge a maturidade migra para o fundo dos tanques⁷. O parasita sai do peixe como um tomonete maduro e se replica, podendo gerar até 1.000 células filhas, denominadas tomitos. Estes por sua vez se diferenciam em terontes infectantes que irão em busca de novos hospedeiros para completar o ciclo⁴.

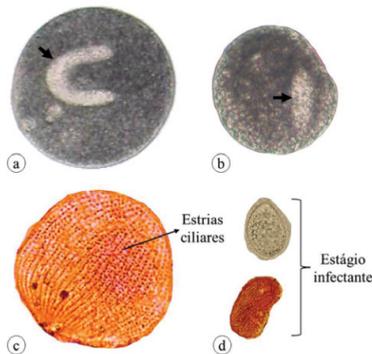


Figura 1: *Ichthyophthirius multifiliis* (Ictio) observado em microscopia óptica. Trofote maduro (a); trofote imaturo (b); trofote impregnado com nitrato de prata exibindo suas estrias ciliares (c) e terontes (estágio infectante) observados em exame a fresco (d – acima) e impregnado pelo nitrato de prata (d – abaixo) . (Fonte: Pádua, 2012)

Uma grande quantidade deste parasita pode ser observada facilmente sobre a superfície do peixe, o que torna as manchas brancas como o principal sinal clínico da doença⁵. Estes pontos brancos podem estar situados na pele, nadadeira, córnea, cavidade bucal e brânquias (Fig.2). A presença deste parasita no peixe proporciona uma ação irritante determinada pela movimentação deste ciliado, ocasionando prurido. Isto faz com que os peixes se lancem contra as paredes dos criadouros, telas ou fundo dos tanques causando os ferimentos, que se tornam porta de entrada para infecções secundárias⁴.

Como afirma Luque (2004) o diagnóstico pode ser realizado facilmente através de um raspado de pele ou das brânquias e observado diretamente no microscópio, onde a forma de ferradura pode ser vista. O verde de malaquita tem sido utilizado como o tratamento mais eficaz².

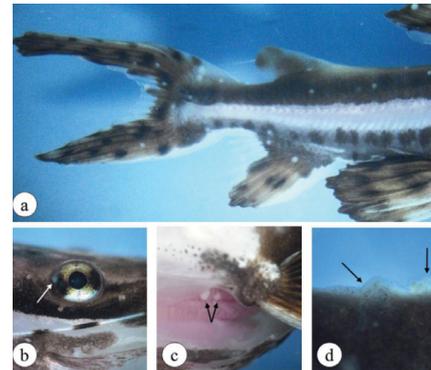


Figura 2: Sinais clínicos da ictiofitiríase em surubim híbrido. Pontos brancos no tegumento e nadadeiras (a) córnea (b) e lamelas branquiais (c), além de alterações na pele após a saída do parasito (d). (Pádua, 2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os parasitas localizados sob o epitélio do hospedeiro e aqueles secretados pelo tomonete não sofrem a ação dos fármacos administrados. Isto não é algo desejado entre os piscicultores. As medidas de controle a serem realizadas consistem na utilização de filtros biológicos, práticas criteriosas de desinfecção de instrumentos utilizados na rotina, controle de pessoas e veículos visitantes, realização de quarentenas, exames periódicos do plantel e monitoramento detalhado das condições de qualidade da água⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PÁDUA, S. B., et al., **Desafio tradicional em peixes nativos a patógeno emergente para a tilapicultura**. Aquaculture Brasil, maio 2017.
2. CARNEIRO, P. C. F., et al., **Tratamentos terapêuticos convencionais no controle do ectoparasita *Ichthyophthirius multifiliis* em Jundiá (*Rhamdia quelen*)**. Pesquisa Agropecuária Brasileira, v.40, n.1, p.99-102, jan. 2005.
3. MATOS, E., et al., **Infecção por *Ichthyophthirius multifiliis* (Protozoa) em acari, *Ancistrus* sp. (Pisces: Teleostei), capturado em Belém, Estado do Pará**. Revista Brasileira de Ciências Veterinárias, v.5, n.1, 9-10, jan./abr. 1998.
4. PÁDUA, S. B., et al., **Ictiofitiríase: conhecendo a doença para elaborar estratégias de controle**. Panorama da Aquicultura, vol. 22, nº131, maio/junho 2012.
5. MACHADO, T. R. A., **Piscicultura: criação de tilápia**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Medicina Veterinária da Universidade Tuiuti do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Médico Veterinário, 2013
6. CARNEIRO, P. C. F., et al., **Estudo anatomopatológico de alevinos de Jundiá infectados experimentalmente por *Ichthyophthirius multifiliis* e submetidos a tratamentos convencionais** Archives of Veterinary Science, v. 11, n. 1, p. 33-38, 2006.
7. LUQUE, J. L., **Biologia, epidemiologia e controle de parasitos de peixes**. Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, v.13, suplemento 2004.